

LITERATOUR: O TURISMO INTELECTUAL DE JOSÉ SARAGAMO, MURILO MENDES E TOMMASO LANDOLFI

Ozana Aparecida do Sacramento (UFMG – EPCAR)¹

RESUMO: *A crítica mais comum aos turistas é que eles procuram (re)conhecer o já visto nas mídias e querem apenas desfrutar do conforto dos meios de hospedagem. Mas, as viagens empreendidas por Murilo Mendes por Portugal e Itália, José Saramago e Tommaso Landolfi por suas respectivas pátrias constituem outra espécie de turismo, o turismo intelectual. Tais escritores- turistas reorganizam as experiências diante do que vêem.*

A viagem produz um complexo sistema de representações culturais ao tratar das grandes questões como alteridade e identidade. Esses relatos e essas formas são conduzidos por um discurso que insere sua subjetividade na objetividade do real, do histórico, do social e do político.

O presente trabalho objetiva discorrer sobre as implicações da noção de viagem na escrita desses autores e caracterizar o olhar no espaço entrecruzado entre olhar, ler, refletir em fragmentos de Viagem a Portugal (José Saramago), Janelas Verdes e Siciliana (Murilo Mendes) e Se non la realtà (Tommaso Landolfi).

Palavras-chave: *viagem, olhar, Murilo Mendes, José Saramago, Tommaso Landolfi*

“Quem viaja tem muito que contar.”

(BENJAMIN, 1994:198)

1. Viagem: uma forma de saber

Abordar o tema viagem, hoje, pode parecer problemático e soa como inutilidade num mundo em que a circulação de idéias, de textos e de imagens acontece numa velocidade impressionante. Mas, nas cidades globalizadas, perambula o viajante, o estrangeiro, seja como turista, como migrante, refugiado, exilado, alienado, desterritorializado, gente de toda espécie que viaja por signos, pelo mesmo, pela diferença. E em meio a essa dispersão permanece a vontade de contar histórias. Assim, a viagem em suas muitas formas continua sendo uma importante matéria de narrativas e, portanto, uma das formas de saber.

A viagem é, sabidamente, temática recorrente na literatura, já que o percurso histórico dos povos é, freqüentemente, marcado pela viagem, seja como realidade empírica, seja como construção simbólica. Segundo Wladimir Krysinski, as viagens e, por conseguinte, o narrador viajante constitui lugar-comum na literatura.

A viagem é um dos arquétipos temáticos e simbólicos entre os mais produtivos da literatura. Sempre renovável, voltado para um lugar variável por excelência, a viagem oferece à literatura uma de suas grandes matérias. (1997:236)

¹ Ozana Aparecida do Sacramento
 Mestre em Literatura Brasileira
 Doutoranda em Literatura Comparada FALE – UFMG
 Professora da EPCAR
 ozanaap@yahoo.com.br

A busca por novas terras e novos conhecimentos sempre arrebatou o homem, por isso narrativas paradigmáticas ou emblemáticas são encontradas no contexto histórico cultural de muitos povos e são muitos os exemplos que podem ser listados: *Livro do Êxodo*, *Odisséia*, *A Divina Comédia*, *Dom Quixote*, *Os Lusíadas*, entre outros.

Octávio Ianni, num artigo intitulado *A Metáfora da Viagem*, demonstra a abrangência desse tema na história dos povos:

A história dos povos está atravessada pela viagem como realidade ou metáfora. Todas as formas de sociedade trabalham e retrabalham a viagem, seja como tentativa de descobrir o outro ou tentativa de descobrir o eu. É como se a viagem, o viajante e sua narrativa revelassem todo o tempo o que se sabe e que não se sabe, o conhecido e o desconhecido, o próximo e o remoto, o real e o virtual. (1996:3)

O conceito de “literatura de viagens” é amplo e complexo, já que o termo viagem, além de designar o deslocamento espacial, abriga outras significações menos óbvias. Segundo Fernando Cristóvão (2002:13) “literatura de viagens é um subgênero sem limites fixados nem elementos teóricos bastante sólidos para defini-lo com exatidão e deve ser encarado mais como um instrumento de trabalho”. Ou seja, literatura de viagens é uma categoria um tanto difusa, sem limites claramente definidos, por isso pode acolher os mais diversos textos e em função disso deve funcionar como uma moldura que nos permite fazer um recorte dentro de um imenso painel de possibilidades.

Questões de viagem podem ser registradas em muitos caminhos e disciplinas, já que a viagem integra a literatura, a história, a mitologia, a etnografia, a antropologia dentre outras áreas do conhecimento. Numa rápida investigação pelo termo viagem, encontramos referências a diários, roteiros, crônicas, memórias, guias turísticos, peregrinações religiosas, romances de formação, viagens científicas, cartas náuticas, blogs, obras de ficção. Como se pode observar, existe uma variedade imensa de escritas de viagem. Há aqueles em que nenhuma viagem empírica é relatada – como é o caso de *Viagem ao redor de meu quarto* de Xavier de Maistre e, no entanto, podem ser incluídos em escritas de viagem. Basta lembrar que há as viagens que se fazem pelo já vivido, pela fantasia e até mesmo pelo próprio texto, nas atividades da escrita e da leitura.

Considerando-se a amplitude do vocábulo viagem, o emprego da palavra “literatura” para esses escritos pode suscitar algumas questões sobre os critérios a serem adotados para a seleção de um corpus ou sobre o estatuto literário dos textos, condicionantes histórico-culturais, questões de valoração, as condições de produção, de recepção e muitas outras.

Trabalhando a questão da identidade, da alteridade e mesmo da nacionalidade já que inclui noções do eu do outro, da vivência do próprio espaço, a escrita de viagem é uma fonte permanente de estudo. A viagem sempre colocará em evidência a representação, a auto-representação, o eu, o outro, por isso a dimensão antropológica da viagem – a experiência do Outro. Há que se considerar que a identidade só se conhece no jogo das relações, nela está inscrita a diferença, o eu só se estabelece em relação ao outro.

Com o progresso tecnológico dos séculos XIX e XX, viajar, no sentido de deslocamento espacial, parece se tornar cada vez menos necessário devido ao acesso à informação, entretanto as facilidades de locomoção e o interesse econômico vêm fazendo crescer exponencialmente a indústria do turismo. Em tempos de globalização, ainda existe interesse por escritos de viagem? Nesse contexto é possível pensar nos pares identidade/alteridade, eu/outro, ou ainda pode-se encontrar nas escritas de viagem elementos identitários?

Ao viajar opera-se um deslocamento que pode envolver a ordem espacial, social, cultural, psicológica, todas elas simultaneamente, apenas algumas ou uma, em grupo ou individualmente. De forma não *standartizada*, a viagem constitui-se uma experiência única, singular. Assim, a escrita de viagem nos informa, além do itinerário imaginário ou empírico realizado pelo viajante, as leituras feitas, as condições sócio-culturais, a visão de mundo do viajante.

A viagem se dá por um espaço estrangeiro, posto que, mesmo quando se viaja por lugares – reais ou imaginários – já conhecidos o viajante assume uma posição exotópica, exterior em relação ao objeto de seu olhar. E tal olhar se materializa sob a forma de um cambiamento de signos entre o que é familiar e aquilo que é estrangeiro.

Nesse espaço, o viajante descobre o outro que muito freqüentemente é dimensionado pela “equação pessoal do viajante”², ou seja, toda a experiência objetiva e subjetiva vivenciada pelo viajante condicionará o olhar dirigido ao outro. Porém, a alteridade conserva uma não permeabilidade, ela é fundamentalmente desconhecida, por mais que se esforce por penetrar e desvendar o universo do outro, restará sempre algo intangível, de intraduzível.

Por isso, muitas vezes, a relação com o outro é de violência e destruição, principalmente se essa se constituir na desequilibrada equação colonizador/colonizado, hegemônico/heterogêneo, ou qualquer outra em que haja uma superioridade objetiva ou subjetiva de uma das partes sobre a outra.

Quanto aos turistas, que fazem multiplicar blogs com fotos e relatos de suas viagens, a crítica mais comum é que eles procuram (re)conhecer o que já haviam visto na TV, nos cadernos de turismo ou em qualquer outro meio e querem apenas desfrutar do conforto dos meios de hospedagem. Para eles a diferença é apenas um espetáculo a ser superficialmente apreciado e não possibilidade de mudança de perspectiva. Mas, por outro lado, há quem veja no chamado turismo cultural uma forma não massiva de consumo de bens culturais. Seria aquele turista que não é um consumidor alienado do cartão-postal, mas que, de certa forma, reorganiza sua experiência diante do que vê.

Nessa perspectiva, o nosso recorte abrange quatro relatos de viagem. Dois deles tratam de viagens realizadas por escritores em seus respectivos países – José Saramago e Tommaso Landolfi – e duas viagens realizadas por um estrangeiro – Murilo Mendes – em países de sua eleição afetiva. Esses escritores empreendem viagens em condições especiais, posto já serem intelectuais maduros, reconhecidos o que torna o itinerário especialmente interessante, pois lançam um olhar experiente, crítico sobre ele. Esses três escritores-viajantes fazem de suas viagens um profundo encontro não só com os locais, mas também com a cultura o Outro com que deparam.

2. José Saramago: um percurso afetivo por Portugal

Viagem a Portugal, de José Saramago, constitui o registro de uma viagem empreendida pelo escritor por Portugal em 1979. Viagem patrocinada pelo Círculo de Leitores de Lisboa com o intuito de celebrar o décimo aniversário da entidade. Nesta viagem, José Saramago foi acompanhado pelo fotógrafo Maurício Abreu.

O livro é dividido em seis partes que recebem títulos referentes às regiões visitadas e nestas partes encontram-se crônicas referentes aos lugares visitados, a personagens históricos ou desconhecidos, a pequenos monumentos, à culinária, a atividades do cotidiano do povo português. O escritor viaja por seu país justamente para (re)conhecer o seu país.

Um primeiro aspecto que chama atenção na obra é uma certa impessoalização, em toda obra aparece a denominação “o viajante” e o uso da terceira pessoa. Isso é muito interessante porque marca um distanciamento (ou uma tentativa):

² Expressão empregada por MACHADO e PAGEAUX, p. 41.

² As citações de textos landolfianos originam-se dos volumes I e II das *Opere*. A coletânea *Se non la realtà* pertence ao segundo volume. Landolfi, Tommaso. *Opere I* (a cura di Idolina Landolfi). Milano: Rizzoli, 1991 e Landolfi, Tommaso. *Opere II* (a cura di Idolina Landolfi). Milano: Rizzoli, 1992.

Ao viajante têm dito que Guimarães é o berço da nacionalidade. **Aprendeu** isso na escola, **ouviu-o** nos discursos de vária comemoração, não **lhe** faltam portanto razões encaminhar os **seus** primeiros passos ao outeiro sagrado onde está o castelo. (SARAMAGO, 1998:60)

Saramago, parece recusar a posição de protagonista do seu relato, cedendo esse lugar à Portugal, numa tentativa de diminuição ou apagamento da subjetividade do enunciador e talvez isso se deva ao objetivo, digamos, prático de sua viagem. Sem, no entanto, perder-se aquela proximidade do leitor, posto que sua posição duplamente exotópica o coloca mais perto ainda da condição do leitor.

Outro aspecto que salta aos olhos é o profundo conhecimento de arquitetura e de religião do autor. Avultam no texto de Saramago as referências e explicações sobre esses dois tópicos. A viagem segue, preferencialmente, por vilarejos e assim que chega, o viajante vai logo procurar a igreja, o sacristão e, ao observar o templo, descreve com minúcias aspectos arquitetônicos.

Chegado a Guimarães, o viajante tem ainda tempo para entrar na Igreja de São Francisco [...] os azulejos setecentistas são magníficos, traçados com desafio e harmonizados com a **abóbada gótica** [...] reconheceu o esplendor das talhas que sobre as capelas são como **caramanchéis** quando o viajante deu com a deliciosa miniatura se S. Boaventura, ali embutida sobre um altar, [...] S Boaventura, que foi **doutor da Igreja, chamado doutor seráfico, franciscano de alto coturno** [...] E de repente, ao olhar com mais atenção **os capitéis do portal gótico** [...] (SARAMAGO, 1998:59)

Além da bagagem cultural, ressalte-se a forma respeitosa com que o viajante se coloca diante do sagrado e até certa reverência à engenhosidade humana, à capacidade, principalmente, em dar forma à pedra bruta que declaradamente é o que mais o fascina. E não poderia deixar de haver o lamento por, muitas vezes, não conseguir observar as obras, sejam elas arquitetônicas, pictóricas ou outras, como no caso do pátio – belíssima peça religiosa de tecido bordada, que só foi visto graças à intervenção de um amigo.

Há ainda a sedução dos espaços abertos, da paisagem natural de Portugal, marcados sempre por um “olho armado” de cultura e afeto. E como não falar da comida? Poder-se-ia traçar um itinerário gastronômico do livro, estão aí os sabores, os cheiros advindos dos restaurantes e casas simples dos moradores de vilarejos e o prazer da boa mesa.

E são constantes os encontros com a gente de Portugal: as lavadeiras, taberneiros, pescadores, sacristãos e zeladores e tantos outros. Os encontros também são com vultos da história do país, da literatura. O viajante também não deixa de mencionar, as mazelas do seu povo, o descaso com o patrimônio cultural ou o excesso de restauração e nem mesmo deixa de criticar a indústria do turismo. Mas, o livro é, sobretudo, o relato da viagem, dessa dupla travessia: pelo país e sua cultura; e pelo sujeito.

Sem dúvida, o autor foi aonde se vai sempre, mas foi também aonde se vai quase nunca. Esta Viagem a Portugal é uma história. *História de um viajante no interior da viagem que fez*, história de uma viagem que em si transportou um viajante, história de viagem e viajante reunidos em uma procurada fusão daquele que vê e daquilo que é visto, encontro nem sempre pacífico de subjectividade e objectividades. [...] significa que foi uma placa sensível que registrou em trânsito e processo, as impressões, as vozes, o murmúrio infundável de um povo. (SARAMAGO, 1998:13-4)

O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. (SARAMAGO, 1998:387)

3. Tommaso Landolfi: um percurso literário pela Itália

Os 21 contos da coletânea *Se non la realtà* (se não a realidade) narram um percurso pela Itália e constituem uma severa crítica ao chamado turismo de massa. Tratam também da problematização do gênero literatura de viagem. Essa coletânea tem relações com o livro *Ombre*, de 1954. O último artigo de *Ombre*, "Commiato", termina com a frase "Non v'è più meta alle nostre pigre passeggiate, se non la realtà" (p. 808) ³, que se tornará epígrafe de *Se non la realtà*. Essa frase anunciava uma possível tendência a ser seguida posteriormente. A epígrafe não é o único elemento de ligação entre as obras. Em *Se non la realtà*, Landolfi retoma quatro contos da coletânea anterior, "Palio", "Un giorno a San Remo", "Terza classe" e "Viaggio in altri paesi", todos eles relatos de viagens. A frase assinala uma tendência a voltar os olhos para a realidade. Landolfi, que foi freqüentemente citado pela crítica como autor fantástico, nessa coletânea atém-se à realidade, em seu sentido comezinho.

A organização desses contos é aparentemente desconexa, como crônicas soltas e denominadas pelo próprio Landolfi em "Giovedì santo a Terracina" como "foglietti di viaggio" ⁴ (p. 36). Porém tais folhetos, como define Landolfi são "i volantini da turisti fanno uno speciale genere letterario, non privo del resto di veneri" ⁵ (LANDOLFI, 1982:88). Essa organização sugere o próprio percurso a ser seguido, o itinerário do olhar do viajante. Um olhar, por vezes, romântico e/ou divertido, mas principalmente, irônico, polêmico mas também perpassado por uma inquietação teórica e psicológica.

Na sua peregrinação pela Itália nos anos de 1950, Landolfi recolhe episódios miúdos, fragmentos da realidade da província: uma rotina modorrenta que é perscrutada pelo visitante que lhe confere volume narrativo. Em cada cidade que passa, o narrador faz desfilar diante de nossos olhos uma galeria de personagens descritos com vivacidade, geralmente resvalando para o grotesco, mas pouco se sabe dos monumentos, das paisagens, dos pontos turísticos consagrados nos guias ou manuais turísticos tradicionais.

Landolfi vê coisas que dificilmente outro viajante teria percebido ou anotado. É um exemplo a viagem de jardineira a Frosinone, efervescente de comedores de laranja que "começam a sua pegajosa necessidade cuspidando sementes por toda parte" (LANDOLFI, 1982:10), as crianças fazem vômito seguidas pela dama de "perna peluda" e uma "arrumadinha" professora de escola média zanga-se com os vomitadores. Ou ainda o *croupier* no cassino entre uma loura fatal que inebria os homens com "odor das axilas" Ao anotar essas miudezas e atribuir-lhes o caráter memorável numa linguagem suntuosa e, ao mesmo tempo, coloquial, grotesca e até alucinatória, temos, sobretudo, um olhar capaz de revelar através da aparência doméstica, uma porção da alma humana e de suas profundas inquietações literárias e culturais.

No interior dos relatos, encontra-se a visão do autor sobre esse "gênero" literário, ou seja, ele parte de alguns aspectos consagrados do "gênero" para desmontá-lo, procedimento comum no decorrer dos relatos, não se encontra aí, como já assinalamos, as descrições de pontos turísticos, o pitoresco e/ou mercadológico, a não ser como crítica. E mais esse é um viajante não faz nada de extraordinário e, portanto não tem "aventuras" para contar, apenas a observação arguta de um homem muitas vezes atormentado.

Vários dos lugares visitados estão nos foglietti di viaggio (guias turísticos) destinados ao turismo *standartizado* contra o qual Landolfi vocifera freqüentemente: *i turisti son razza insipiente quanto infausta (...)* ⁶ (Cari barboni- LANDOLFI, 1982:88) ou "ché se c'è una genia perniciosa

³ Não há outro destino em nossos vagarosos passeios, se não a realidade.

⁴ Folhetos de viagem

⁵ Os guias turísticos constituem um gênero literário especial, não desprovido de respeito.

⁶ Os turistas são raça de ignorantes tanto quanto de nefastos.

alla cultura vera e non mai abbastanza ferocemente aborrita, è quella appunto dei turisti” ⁷ (*La gattina del Petrarca*- LANDOLFI, 1982:26)

No último conto, Landolfi refere-se às *truppe* e *mandre* (tropa e manada) de viajantes que visitam pontos turísticos ignorando completamente os aspectos históricos ou culturais que fazem deles atrações turísticas. Também em *Il castello di Gradara*, Landolfi recrimina o uso comercial e medíocre da tragédia de Paolo e Francesca, bem como a domesticação da Idade Média: *Medioevo addomesticato? Certo: che cosa non è addomesticato e per turisti oggi?*⁸ (LANDOLFI, 1982:33). Como salienta Vera Horn “a domesticação, a que se refere se alastra perigosamente pela cultura turística, fruto burguês do achatamento e da superficialidade impostos por certos *demagoghi* ou *cavalieri d'industria*.” (HORN, 2000:3)

Maledetta la cultura popolare, la cultura turistica, l'istruzione obbligatoria e quant'altre simili idee siano germogliate nella mente deidemagoghi o dei cavalieri d'industria. (La gattina del Petrarca - LANDOLFI, 1982:26)⁹

Outro aspecto recorrente na obra é o diálogo que se estabelece com o leitor, o que nos torna, de certa forma, cúmplices dele: *In conclusione, il lettore resti avvertito (...)* ¹⁰ (*La grazia di Dio*-LANDOLFI, 1982:5) *Potrei qui ingannare il lettore coll'aiuto di qualche guida e manuale del genere (...)* ¹¹ (*Trenin i*- LANDOLFI, 1982:15) No conto *Cari barboni*, após descrever certa localidade, compara a sua visão da paisagem com as *rosse torri* (torres vermelhas) que espelhariam a *la cerulea Dora* (a cor do céu de Dora), da qual não viu nem mesmo a sombra, antes, a “cerulea Dora” é da cor de estanho. A partir disto, ele questiona como os poetas conseguem *cogliere le cose sempre nel loro aspetto più fulgido*¹² (LANDOLFI, 1982:87. E esse é apenas um exemplo do questionamento de ordem literária na obra. Landolfi obseva que se critica os guias turísticos pela sua linguagem “poética” e indaga porque não convocar Montale para se falar da *Cinque Terre*, porém, para uma massa de turistas ignorantes, isso não surtiria efeito. Mas Landolfi, ele sim, faz uso da literatura constantemente em suas referências e alusões.

A linguagem dos guias composta de figuras poéticas simplórias é repudiada pelo autor que mostra sua a pouca disposição para adjetivações fáceis e retóricas românticas. A descrição chega a ser secundária em alguns dos contos de *Se non la realtà*. Landolfi considera desnecessário repetir descrições de aspectos conhecidos ou já descritos

Orvietto è città nota e celebrata per numerose sue bellezze d'arte e di paesaggio (...). Delle quali io non discorrerò: per poca dottrina e anche perché, stavolta, non le vidi se non in confuso.¹³ (*Il Pozzo di San Patrizio*- LANDOLFI, 1982:51)

Talvez por isso, ele se dedique tanto a descrever *niente*, o nada, o insignificante, para fugir da tendência de descrever apenas o belo, o exótico e suntuoso. Para Landoldi, esse elogio romântico é reducionista. *E ora, dovrei chiedere scusa al lettore per avergli raccontato una storia che non sa di nulla, e in cui non ricorrono né singolari oggetti, né avvenimenti eccezionali.*¹⁴ (LANDOLFI, 1982:15)

⁷ é uma corja perniciosa à cultura verdadeira, e nunca suficiente e ferozmente detestada, é justamente aquela dos turistas

⁸ Idade Média domesticada? Certo: o que não é domesticado para os turistas hoje em dia?

⁹ Maldita a cultura popular, a cultura turística, a instrução obrigatória e outras idéias similares são geradas na mente dos demagogos ou dos cavaleiros da indústria.

¹⁰ Em suma, o leitor fica advertido

¹¹ Poderia enganar o leitor com a ajuda de qualquer guia e manual do gênero

¹² como os poetas colhem as coisas no seu aspecto fugidio

¹³ Orvietto é cidade notória e celebrada por suas numerosas belezas artísticas e paisagísticas.(...) Da qual eu não discorrerei: por pouca sabedoria e também porque, desta vez, não a vi senão de forma confusa.

¹⁴ E agora, deverei desculpar-me com o leitor por haver contado uma história em que não se diz nada e na qual não aparece nenhum objeto singular, nem acontece nada de excepcional

Há porém, um conto em que se configura um distanciamento dessa posição landofiana, *La bolla di sapone*, pois percebe-se um lirismo e uma leveza. No entanto, é uma bola de sabão e, como tal, desfaz-se rapidamente e a *terraferma* traz de volta aquele senso de *realità* anunciado no título.

Se non la realtà, não apresenta os modelos consagrados de literatura de viagem, mas reflexões sobre o próprio “gênero”, assim a literatura olha para ela mesma, sem deixar de olhar para o mundo. A viagem landolfiana passa mesmo pela literatura.

4. Murilo Mendes: um percurso por pátrias adotivas

4.1 Janelas Verdes

O livro *Janelas Verdes* de Murilo Mendes foi terminado em 1970, porém só em 1989 é publicado parcialmente numa edição que incluía desenhos feitos pela pintora Maria Helena Vieira da Silva e com tiragem de apenas 200 exemplares. A edição completa só veio a público em 1994, quando Luciana Stegagno Picchio organizou uma edição completa da obra do poeta, incluindo este e outros inéditos.

O título do livro não é uma alusão ao Museu das Janelas Verdes de Lisboa, mas “[...] *Refere-se aos espaços abertos; à liberdade: ao campo e mar de Portugal, ao verde que ali nos envolve sempre.*” – afirma Murilo Mendes em nota ao final do livro. Fazendo alusão à Calderón de la Barca, Murilo Mendes Murilo compara a função da janela no Gran Teatro del mundo: “Que toda la vida humana/ representaciones es.” (MENDES,1994:1366). Assim, mais do que ver, o olhar muriliano inventa, recria o objeto de sua descrição, como, por exemplo, a figura de Mumadona: “Acreditando que fosse bela, belíssima, invento uma outra versão da sua figura” (MENDES,1994:1366)

A obra é dividida em dois setores, o Setor I trata de cidades e lugares de Portugal que marcaram o poeta em suas andanças por lá. Este, por sua vez, está dividido em quatro partes marcadas pelas letras A,B,C e D. O Setor II apresenta retratos de grandes portugueses e também é subdividido em duas partes, A e B.

Trata-se de uma viagem de cunho afetivo-cultural, considerando-se que Portugal é um país com o qual Murilo Mendes mantém fortes laços afetivos, pois sua esposa Saudade e seu sogro e grande amigo Jaime Cortesão são portugueses, além de ser a pátria de vários de seus escritores favoritos.

Nesses relatos a descrição de lugares interessa menos que a busca pela cultura, pela literatura e, principalmente, pelas pessoas. Impressiona no livro a bagagem cultural muriliana, há uma profusão de citações literais, alusões a artistas, referências históricas, textos, tudo isso amalgamado com o mais prosaico, com as reminiscências juizforanas.

Na obra, observa-se como que uma aproximação, talvez até aderência, do eu à matéria relatada, ou seja, além de se colocar como protagonista do relato, já que se trata de relatar a experiência vivida, busca-se uma proximidade com o leitor e reforça a idéia de diálogo.

Apesar de toda a reverência ao país e à sua cultura, o humor, a irreverência e inventividade não estão ausentes.

Evitando a descortesia com a história, palavra hoje dominante das nossas vidas, não direi que sou insensível ao fato de em Guimarães ter nascido **Dom Afonso Henriques**, inventor do reino **desunido** de Portugal, África, **Tungstênio** e Algarve (já que é incerto o nascimento aqui um nome da minha grande saudação, **Gil Vicente**) (Guimarães -MENDES, 1994: 1365)

O trabalho com a linguagem também é marca do texto, porque o autor foge dos modelos consagrados do “gênero”, apresentando-nos um texto que se avizinha do diário, do conto, da crônica, da reflexão, sem ser especificamente nenhum deles. O neologismo, o uso aportuguesado de termos estrangeiros são marcas presentes:

Vagarosando-me considero a praça, hoje do Comércio, virada garage, a **pensamentear**, quem sabe, e seu outrora deserto; aqui e ali, segundo **Klebnicov**, a modo de Vias-Lácteas despontam mulheres; considero ainda as luzes agulheadas da Outra Banda (também da **Outra Banda do mesmo Pessoa**) e dos **barcos bêbados do Tejo** indispostos ao diálogo; as luzes da exdruxulamente feia estátua-cópia reduzida do não-ideal Cristo do Corcovado; auguramos um **terremotozinho** específico que, sem matar ou ferir, a destrua, deixando o espaço livre de qualquer estátua dedicada a alguém mormente a **Fernando Pessoa**. Pois haverá coisa mais bela do que o espaço livre? Só mesmo o homem livre no espaço livre. (Fernando Pessoa - MENDES, 1994: 1444)

Assim como os demais livros que apresentamos até agora, *Janelas Verdes*, não se constitui como um manual de viagens, mas uma viagem, um périplo duplo, pelas lembranças afetivas de Portugal – aquelas que valem ser lembradas – e pela própria escrita e é nesta que Portugal se configura.

4.2 Siciliana

Siciliana é o primeiro livro “italiano” de Murilo Mendes, escrito entre 1954 e 1955, foi publicado em 1959 numa edição bilíngüe prefaciada Giuseppe Ungaretti, amigo e tradutor do poeta. Trata-se de uma obra poética em que os lugares e monumentos sicilianos são pontos de partida para as reflexões do autor.

De forma triangular, a ilha de Sicília tinha na antiguidade o nome de Trinacria (três pernas – referência ao formato da ilha) que ainda hoje é seu símbolo, uma espécie de medusa com três pernas. É por esta ilha repleta de referências culturais, como esta, que Murilo Mendes empreende uma viagem entre 1954 e 55.

Segundo Júlio Castañon Guimarães:

(...) livro escrito a partir de um espaço estrangeiro - uma primeira incursão por uma literatura de viagem, que em Murilo Mendes tem características muito especiais, pois nesse setor ele nunca se desviou para o relato ou a crônica. Na verdade os espaços geográficos a partir dos quais ele escreveu eram, não espaços naturais, mas espaços onde se erguem elementos culturais. Com isto, a literatura de viagem também vem a ser dominada pela temática cultural.” (GUIMARÃES)

Assim, o livro constitui-se como um relato poético de uma viagem descrita em 13 poemas em que o descritivo ou paisagístico é pré-texto para um sofisticado exame de questões fundamentais para o ser humano. Os lugares estão presentes (Agrigento, Palermo, Cefalu etc), já que cada poema corresponde a certa cidade ou monumento, mas, além de serem lugares repletos de história, propiciam um encontro poético. É como se o eco da história e dos sons próprios de cada lugar reverberasse na construção poética muriliana.

Siciliana, no dizer de Davi Arrigucci é um livro “classicamente sóbrio, sobranceiro, luminoso, embora lacerado por profundas inquietações.” (ARRIGUCCI, 2000:116). Sicília, delicada e forte, é habitada por referências mitológicas e históricas e de paisagens rudes e suaves. E esse contraste é propício ao espírito muriliano dado a conciliar contrários como já havia notado Manuel Bandeira.

Surpeende-nos na obra a capacidade de se exprimir com uma linguagem simples, sintética, enxuta a grandiosidade do lugar, aliando a isso uma visão humanística do que se vê. Assim, o tecido poético está essencialmente voltado para os monumentos arquitetônicos, mesmo em *Atmosfera Siciliana* em que está presente a paisagem física, não se deixa de aludir ao monumento.

Mais que a visão do estrangeiro diante da nova cultura ou o moderno versus o clássico, Siciliana é uma consistente e sofisticada reflexão sobre as questões humanas, sobre a literatura também. Alguns poemas mostram uma Sicília onde os vestígios de outras eras propiciam o encontro não com o passado simplesmente, mas também com o presente e com o homem presente.

Por exemplo, em *Meditação de Agrigento*, o drama shakespeariano do ser ou não ser é transportado para o campo do transitório, do homem em constante transformação.

Meditação de Agrigento

*Quem nos domara a força vã,
quem nos sufocara o instinto
Para permanecermos
Em conformidade à linha do céu,
A estas colunas perenes,
Ao oculto mar lá embaixo.*

*Quem nos transformara em folha
Ou no súbito lagarto
Que se esgueira sob tuas pedras,
Templo F, sereno templo F,
Arquitetura de reserva e paz.*

*Transformar-se ou não, eis o problema.
Durar na zona limite da memória,
Nos limbos da vontade,
Ou submeter a pedra, cumprir o ofício rude,
Aprender do lavrador e do soldado.*

*Qual a forma do poeta? Qual seu rito?
Qual sua arquitetura?*

*Mudo, entre capitéis e cactos
Subsiste o oráculo.
A manhã doura a pedra e vagos nomes,
Agrigento me contempla, e vou-me. (MENDES, 1994: 567)*

Em Atmosfera Siciliana, a presença do da história, do trabalho, o drama humano.

ATMOSFERA SICILIANA

*Trinácia, três pernas, triângulo:
Soa a terra siciliana
Percutida pelo sol.*

*O sexo explode. Presságios
Respira o deus nas alturas:
Tantas mulheres de negro
Velam a própria juventude.
Ai trabalho, áspera vida
Para o homem, cavalo do homem,
E áspera para o cavalo.*

O templo de augustos signos

*E de lúcida arquitetura
Marca a distância do real:*

*A terra ocupando o céu,
A forma feroz do Etna
E do Strômboli o domina.*

*O centro da terra explode
Em cacto, jasmim e enxofre
Augúrios respira o ar,
O bárbaro mar e seus gongos.
Trinácia, três pernas, triângulo. (MENDES, 1994: 565)*

Nesse singular relato de viagem, a arquitetura poética enxuta revela um poeta que não se deixa seduzir pela adjetivação fácil, pela paisagem deslumbrante, mas porta-se como um viajante atento capaz de, a partir do espaço que percorre, fazer conexões as mais diversas e propor questões perenes do ser humano. Assim, Murilo-viajante, tanto nos textos em prosa quanto nos poemas, é antes de tudo alguém que transita pela cultura, pela memória trazida da cidade natal, por textos e pela arte em geral com seu “olho armado” para ver tudo isso, mas, essencialmente para ver o outro que se abriga aí.

5.0 - Concluindo

Os autores, como viajantes privilegiados, são donos de um olhar crítico, um “olho armado” porque refletem sobre o que vêem/lêem colocam o visto/lido numa rede de relações. Esse olhar perscrutador dos três viajantes é o que os diferencia do turista *standard*, aquele que não busca na viagem uma mudança de perspectiva, que quase sempre procura confirmar a imagem do cartão-postal. Esses relatos de viagem sugerem que os escritores são viajantes/turistas incessantes transitando sempre e olhando a realidade que o cercam conjugando-a com suas bagagens transformando-a, em matéria literária. Afastados do turista forjado pelo mercado, os três escritores fazem um turismo intelectual, posto que, independente do deslocamento espacial, propicia-nos uma visão em profundidade, mais que fazer um *tour* por lugares físicos ou não, eles fazem um “literatour”

Dessa forma, os textos enfocados acabam por tratar não só de lugares, pessoas, cultura, como também dos processos de criação. Talvez a viagem mais significativa seja mesmo a que se empreende pela leitura/escritura, por isso consideramos plausível aproximar essas três experiências de viagem.

6.0 – Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes. In: AGUIAR, Flávio et al. *O Olhar*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989. p. 347-60.

CASA NOVA, Vera Lúcia. *Fragmentos de um itinerário amoroso*. Saramago: Viagem a Portugal. Disponível em [http:// geocities.com/ fragmentosdeumitinerarioamoroso.htm](http://geocities.com/fragmentosdeumitinerarioamoroso.htm) (Acesso em 26/09/2005)

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Territórios e Conjunções*. RJ: Imago, 1993.

_____. *Prefácio a Tempo Espanhol*. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/jcastanon1.html>. Acesso em 10 mai. 2007.

HORN, Vera. *As viagens do escritor – Se Non la Realtà*, o livro de viagens de Landolfi. Disponível em: http://www.unb.br/il/let/abpi_2000/horn.htm (Acesso em maio de 2004)

LANDOLFI, Tommaso. *Se non la realtà*. In: *Opere II*. (a cura de Idolina Landolfi). Milano: Rizzoli, 1992.

MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*: organização e preparação do texto Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (volume único)

OLIVEIRA, Silvana M Pessoa. *De Viagens e de Viajantes: A viagem imaginária e o texto literário*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1995.

MACHADO, Álvaro Manuel, PAGEUAX, Daniel-Henri. *As Experiências de Viagem*. In: **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SEIXO, Maria Alzira. *Lugares da ficção em José Saramago*. O essencial e outros ensaios. 1ª ed. Lisboa: IN-CN, 1999.